



GARANTIA DO GOVERNADOR  
DO  
ESTADO DE SÃO PAULO

014252

São Paulo, 11 de junho de 1963.

72

Exmo. Sr.

Deputado Sólon Borges dos Reis

DD. Presidente do Centro do Professorado Paulista  
São Paulo

lências e, por seu intermédio, o ilustre Diretório do Centro do Professorado Paulista, que o Governo do Estado acolheu com a merecida atenção e toda a boa vontade as razões levadas pelos dirigentes dessa tradicional entidade da classe ao Senhor Secretário da Educação, em 20 de fevereiro último, as considerações constantes do memorial que recebi a 15 de Março de V. Excia., na sua condição de presidente do CPP, entidade legitimamente representativa do professorado paulista, conforme atestam seus 33 anos de atividades e seu quadro social de 35.000 educadores.

Quando o Centro do Professorado Paulista solicitou, por intermédio de V. Excia., fossem determinados os necessários estudos para concessão de melhoria de vencimentos cada funcionalismo e garantir particularmente ao magistério primário dentro do próprio quadro do ensino, onde se encontra em situação que realmente reclame reajustamento, veiu efetivamente ao encontro do pensamento do Governo do Estado, expresso na Mensagem à Egrégia Assembleia Legislativa, e na qual salientei textualmente que "cumpre ainda dar a devida valorização aos professores, mediante o aprimoramento profissional, a concessão de meios propícios à execução de sua tarefa e o estabelecimento da adequada política salarial".

Assim é que, preocupado em atender ao magistério, convencido da necessidade de melhorar as condições salariais do professor primário especialmente, e na conformidade do que assegurei de viva voz aos preizados diretores e conselheiros do Centro do Professorado Paulista, na audiência concedida à essa associação de classe, por solicitação de V. Excia., na manhã de 21 de maio último, nos Campos Elíseos, já determinei aos órgãos competentes da administração pública estadual a efetivação dos estudos imprescindíveis à solução do problema que, inclui na minha Mensagem ao Poder Legislativo e que V. Excia., à frente da associação de classe a que preside, levantou perante os poderes públicos estaduais.

Acolhendo o apelo do Centro do Professorado Paulista e outras entidades, visando a melhorias das condições de vida dos educadores de São Paulo, tenho a certeza de encaminhar a promoção da escola paulista, valorizando, assim, a educação que é, como acentua o memorial do CPP, o instrumento indispensável à própria valorização do homem - meta principal do meu governo.

Adhemar de Barros  
Governador do Estado

1bn

ABRIL.  
JUNHO  
1963

# Revista do PROFESSOR

DO CENTRO DO PROFESSORADO PAULISTA

# O JÔGO COMO RECURSO DIDÁTICO

Jurandir Paccini  
Presidente Prudente, SP

- III -

## OS JOGOS DE CLASSE

Vimos no capítulo anterior que a Escola precisa lançar mão dos jogos para, através deles, ensinar a criança a trabalhar desenvolvendo sua capacidade de esforçar-se.

Estes jogos usados na Escola com caráter didático-educativo denominam-se jogos de aprendizagem ou jogos de classe.

Dividem-se eles em duas categorias conforme seus objetivos:

1. Objetivos morais;
2. Objetivos didáticos.

### Objetivos morais do jôgo de classe.

Quando aplicado corretamente o jôgo de classe educa e aprimora a atitude do aluno.

São vários os objetivos morais que se podem alcançar por meio dos jogos de classe:

1. Espírito de disciplina;
2. Combate a certos complexos;
3. Educação da atenção;
4. Despertar interesse pelo estudo;
5. Revigorar o espírito de solidariedade;
6. Ensinar o aluno a ser correto e leal;
7. Reavivar a simpatia pelo mestre.

### Espírito de disciplina

O jôgo de classe é essencialmente disciplinador. Ele condiciona o comportamento da criança ao atendimento de regras e normas que regulamentam o jôgo. Aprende a criança, na vivência do jôgo de classe, a sujeitar-se às sanções legalmente estabelecidas pelo regulamento do jôgo e, naturalmente, a evitar essas penalidades agindo dentro da lei e da ordem inibindo seus impulsos e paixões.

### Combate a certos complexos.

No jôgo a criança exibe plenamente a sua personalidade. O professor tem oportunidade, nessa ocasião, de observar as possíveis falhas de caráter do educando, oportunidade esta preciosa pois a vida rotineira de classe ou mesmo a de casa não oferecem ensejo a esta observação. Sómente o jôgo, por ser uma atividade própria da infância, liberta o indivíduo dos recalques e controles conscientes, pondo à nu a personalidade do educando.

### Educação da atenção.

O desejo natural de ganhar o jôgo faz com que a criança fique ativamente atenta às ordens e recomendações do professor.

O exercício continuado da atenção cria na criança o hábito de agir atentamente o que é, indiscutivelmente, um comportamento de grande valor na vida do indivíduo.

### Desperta interesse pelo estudo

O jôgo faz com que as matérias escolares passem a ter, para a criança, um objetivo imediato: ela precisa saber para que seu partido não perca para o adversário. Com esta finalidade ele passa a interessar-se pelo estudo procurando esclarecimentos junto ao professor e aos próprios colegas.

### Desperta o espírito de solidariedade.

A prática do jôgo de classe habitua o educando a trabalhar em equipe pois a vitória do partido depende do esforço conjunto de todos os elementos que o compõem. Assim sendo a própria criança procura assistir e orientar os colegas mais fracos do grupo em benefício da coletividade.

### Cria o hábito da honestidade

Quando bem dirigido e orientado pelo professor, o jôgo favorece o desenvolvimento do conceito de honestidade. Evitando e combatendo o exercício da fraude no jôgo, a criança adquire hábitos de honestidade e de lealdade.

### Finalidades didáticas do jôgo de classe

São múltiplas as finalidades didáticas do jôgo de classe.

1. Fixação da aprendizagem
2. Retificação da aprendizagem
3. Verificação da aprendizagem
4. Atividade lúdica
5. Função motivadora
6. Função complementar.

### Fixação de aprendizagem

O jôgo de classe é sumamente valioso na fixação da aprendizagem. Sabemos, pela psicologia, que a repetição é indispensável à fixação de uma noção aprendida. A execução de exercícios didáticos é fastidiosa e, portanto, não educativa. Jogando, entretanto, com a noção aprendida, os alunos repetem quantas vezes quisermos o exercício sem fastio, cheios de alegria. "O mais insípido assunto, transformado num jôgo, logo desperta o interesse do aluno, pois satisfaz o instinto lúdico, inato na criança", como diz Amaral Fontoura.

# CRIANÇA ALEGRE

AOS DIPLOMANDOS DE GRUPO ESCOLAR

Criança alegre que desperta rindo  
Com riso puro como lírio em flor;  
Quanta meiguice há no teu rosto lindo,  
Quanta ternura nesse teu amor!

Uma avezinha que gorgearia tanto  
Não é mais bela nem mais graciosa.  
Da nossa vida é o mais doce encanto,  
Da natureza a jóia mais formosa.

Criança viva, barulhenta, esperta:  
No templo amado fica a solidão.  
A tua sala vai ficar deserta,  
Sem uma voz e sem uma canção.

O teto amigo vai ficar sozinho,  
Vazio e triste, agora abandonado.  
Vazio e triste como o velho ninho,  
Que não tem ave, que não tem trinado.

Na nova estrada que o destino aponta  
Hás de encontrar maior felicidade,  
E como a aurora que no céu desponta  
Verás surgir a tua mocidade.

Hás de lembrar do casarão amigo  
Com suas salas, bancos em fileiras,  
Por toda a parte levarás contigo  
Recordações das tuas companheiras.

A imagem viva do teu mestre amado  
Terás gravada no teu coração,  
Ele será por ti sempre lembrado  
Com todo amor, com toda gratidão.

Criança alegre, que desperta rindo:  
— Estás chorando porque vais partir?  
Eu quero ler nesse teu rosto lindo  
Um meigo adeus, um vívido sorrir.

Zuliria Martins Minicucci  
São Paulo

## Retificação de aprendizagem

Durante a execução dos jogos de classe o professor pode observar os alunos que incidem sistematicamente em determinados erros demonstrando claramente falhas na aquisição do conhecimento. Terá o mestre, assim, oportunidade, entre um e outro jogo, de esclarecer melhor esses pontos duvidosos e fixá-los com mais outros jogos.

## Verificação da aprendizagem

Se o professor deseja saber, a qualquer momento, o grau de conhecimento de uma classe a respeito de um assunto, propõe um jogo e, pelo resultado, estará segura e rapidamente informado. Este processo é valiosíssimo quando o mestre assume uma classe pela primeira vez ou quando pretende ensinar um assunto novo que depende do conhecimento anterior de algum conceito.

## Atividade lúdica

Os alunos estão cansados ou desinteressados na aula. O professor faz um jogo recreativo. A variação de atividade provocada pelo jogo reativa as energias da turma e predispõe os alunos a receberem bem a aula que lhes será ministrada.

## Função motivadora

O jogo, atendendo ao "instinto lúdico" da criança, é uma atividade que representa interesse intrínseco à infância. Qualquer matéria escolar apresentada como jogo, passa a ser interessante para o educando, não por ela própria que, na maioria das vezes nada significa às necessidades reais do menor, mas pelo objetivo imediato que lhe confere o exercício do jogo.

Que interesse real pode ter a criança em saber as taboadas de cor ou as capitais dos Estados do Brasil etc? Nenhum, é evidente. Como, então, fará o professor para conseguir que o aluno pratique um ato que lhe é sumamente desagradável (decorar as taboadas por exemplo)? O mestre costuma motivar essa atividade com o fato do aluno passar ou ser reprovado num futuro exame. ora, sabemos perfeitamente que a criança entre 7 e 11 anos não é capaz de prender um objetivo assim distante. Em termos de rendimento era muito mais eficiente o ensino no tempo das palmatórias porque, aqui, o objetivo da aprendizagem era imediato: aprender para não apanhar. Um crime didático-pedagógico, concordo, mas muito mais válido psicológicamente que os processos atuais. Suprimimos esses objetivo imediato reprovável por um objetivo remoto psicologicamente impossível. Como retornar a oferecer às matérias escolares um fim imediato que corresponda a uma necessidade real da criança? Só há um modo possível: a aplicação intensiva em classe do jogo como elemento motivador.

## O jogo de classe na escola

Não importa a discussão das teorias do jogo. Basta o fato comprovado do grande valor pedagógico do jogo. Todavia é, infelizmente, não o vamos aplicado na Escola.

Mesmo as escolas que se usam de aplicar a "escola nova" não aproveitam como deviam o recurso dos jogos no ensino.

## Baseado nas obras:

- 1) "Psicologia da Criança" de Claparéde;
- 2) "Jogos: recreações e curiosidades matemáticas" do prof. Júlio Cesar de Mello e Souza.